

Psicopedagogia e Psicanálise: A Implicação dos Pais no Processo de Aprendizagem dos Filhos

Eletice Cavalcante Leite

Úrsula Patrícia Neves Leite

Ivone de Barros Vita

EPSI / UNEPSI

**ESPAÇO PSICANALÍTICO / UNIDADE DE ENSINO PESQUISA
EM PSICOLOGIA E PSICANÁLISE**

João Pessoa, 2016

Psicopedagogia e Psicanálise: A Implicação dos Pais no Processo de Aprendizagem dos Filhos

Eletice Cavalcante Leite

**EPSI / UNEPSI
ESPAÇO PSICANALÍTICO / UNIDADE DE ENSINO PESQUISA
EM PSICOLOGIA E PSICANÁLISE**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Psicanálise – Teoria e Prática, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

João Pessoa, 2016

Resumo

Este artigo tem como finalidade refletir sobre as dificuldades de aprendizagem, focalizando principalmente a Implicação dos pais neste processo, numa visão psicopedagógica e psicanalítica. A fundamentação teórica terá como base as leituras de livros de vários autores que se debruçam sobre o assunto. Far-se-á também um breve relato de minha experiência na clínica psicopedagógica atendendo a crianças e a adolescentes que são encaminhadas pelas escolas ou pelos próprios pais por não irem bem na escola. Logo na avaliação percebe-se que não existe uma dificuldade de aprendizagem real. Muitas vezes o não aprender é a forma encontrada para expressar que algo de errado está acontecendo, seja de ordem emocional, afetiva, ou situações traumáticas na família ou até mesmo por não se adequarem as estratégias de ensino e a metodologia utilizadas na escola. A aprendizagem embora seja um processo natural, existem vários fatores que podem influenciar de forma positiva ou negativa. Ao se investigar uma dificuldade de aprendizagem deve-se considerar todo o contexto histórico e social no qual a pessoa está inserida. A família exerce um papel fundamental neste processo por ser no núcleo familiar que a criança é inserida na cultura e constrói seus primeiros saberes que são determinantes para a aprendizagem.

Palavras-chave: Dificuldade. Aprendizagem. Família. Escola.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the learning difficulties, mainly focusing on the parents' implication in this process, in a psychoeducational and psychoanalytic view. The theoretical framework will be based on book readings by various authors that focus on the subject. It will also do a brief description of my experience in psychoeducational clinic serving children and adolescents who are referred by schools or by parents for not doing well in school. Soon in the evaluation it is clear that there is not a difficulty of real learning. Many times the not learn is the way found to express that something wrong is going on, whether emotional, affective, or trauma in the family or even not suitable teaching strategies and methodology used in the school. Learning though it is a natural process, there are several factors that can influence positively or negatively. When investigating a learning disability should be considered all the historical and social context in which the person is located. The family plays a fundamental role in this process because it is in the family nucleus that the child is placed in culture and build its first knowledge that are crucial for learning.

Keywords: Difficulty. Learning. Family. School.

Introdução

Nos últimos anos, como é do conhecimento de todos os profissionais que lidam com a educação, há um grande número de crianças e adolescentes que apresentam dificuldades no seu processo de aprendizagem. Esse é um problema que vem aumentando e se tornou motivo de preocupação para os educadores, principalmente aqueles dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Todos os anos aparecem nas salas de aula crianças que não conseguem atingir o rendimento esperado para o seu nível de escolaridade. Não aprendem como as demais, os métodos utilizados não funcionam com essas crianças, por mais que os professores se esforcem, não conseguem fazer com que elas aprendam.

Minha experiência na clínica psicopedagógica atendendo há sete anos a crianças e a adolescentes encaminhadas pelas escolas por apresentarem dificuldades de aprendizagem me fez pensar em algumas questões sobre as quais faremos uma reflexão. Por que umas crianças aprendem e outras não? Existe realmente dificuldade de aprendizagem ou de ensinagem? A dinâmica familiar pode influenciar no processo de aprendizagem dos filhos? As escolas têm sido ambientes favoráveis à aprendizagem? Por que é tão difícil aprender ler e escrever?

A Psicanálise como campo do saber capaz de fornecer um conhecimento singular do sujeito exerce um importante papel na clínica psicopedagógica, proporcionando através de uma escuta diferenciada compreender melhor algumas situações apresentadas durante os atendimentos, em que somente o fazer pedagógico não consegue dar conta.

A Teoria Psicanalítica contribui para um olhar mais apurado, capaz de perceber a subjetividade do sujeito no seu desenvolvimento e na sua aprendizagem.

Muitas vezes o papel do Psicopedagogo é confundido com o do professor de reforço, que é ajudar ao aluno a compreender e recuperar os conteúdos curriculares trabalhados em sala de aula que não estão conseguindo aprender. O Psicopedagogo tem como função compreender como ocorre a aprendizagem e quais s os processos psíquicos nela envolvidos, os fatores que contribuem para o não aprender, bem como, elaborar e realizar as intervenções necessárias para que o aluno resgate o desejo de aprender.

A Psicopedagogia tem como objeto de estudo o processo de aprendizagem considerando o sujeito, a família, a escola, a sociedade e o contexto sócio-histórico, utilizando procedimentos próprios, fundamentados em diferentes referenciais teóricos.

A intervenção psicopedagógica é sempre da ordem do conhecimento, relacionada com a aprendizagem, considerando o caráter indissociável entre os processos de aprendizagem e suas dificuldades. A identificação das causas dos problemas de aprendizagem requer uma intervenção especializada. Embora o aprender seja um processo natural, resulta de uma complexa atividade mental na qual estão envolvidos o pensamento, a percepção, as emoções, a memória, a motricidade, a mediação, os conhecimentos prévios.

Para realizar o diagnóstico clínico, o psicopedagogo utiliza recursos como jogos, desenhos, histórias, atividades pedagógicas, brinquedos. Esses recursos se constituem num importante instrumento de linguagem e revelam dados significativos da vida do cliente que são fundamentais para a elaboração do plano de intervenção.

Este artigo tem como finalidade refletir sobre as dificuldades de aprendizagem, mais especificamente àquelas em que o não aprender pode estar vinculado às questões familiares, focalizando a implicação dos pais no processo de aprendizagem. Ou seja, do limite desses pais em lidar com a aprendizagem de seus filhos, autorizá-lo a aprender.

Aprender remete a descobrir o mundo, a sair desse lugar em que para alguns pais é importante que eles permaneçam lá, aprisionados a uma determinada fase da vida por não suportar confrontar-se com a realidade. Para isso faremos um percurso nas leituras de Winnicott, Alícia Fernandez, Jorge Visca e outros.

Também apresentaremos como ilustração fragmentos de um caso de uma criança que atendemos durante dois anos na clínica Psicopedagógica, a qual será identificada como Pedro. Uma criança que embora não tivesse nenhuma deficiência, apresentava uma dificuldade de aprendizagem bastante acentuada. Mesmo estudando desde os dois anos quando ingressou na educação infantil, aos oito anos ainda não sabia ler nem escrever. A linguagem, a motricidade, noção de tempo e espaço, o pensamento lógico matemático, e outras competências e habilidades que antecedem o processo de alfabetização também se encontravam comprometidas.

Dificuldades de aprendizagem, família e escola

De acordo com Visca (1987) as dificuldades de aprendizagem são sintomas que decorrem de obstáculos que aparecem no mesmo momento histórico em que está ocorrendo a aprendizagem que, por sua vez, resultam de toda história vivida pelo aprendiz nas suas dimensões afetivas, cognitivas, sociais, orgânicas e funcionais.

Nesse sentido, as dificuldades de aprendizagem surgem caracterizando um obstáculo que impossibilita a criança ou adolescente de aprender por não possuir ferramentas necessárias ou não poder utilizá-las para superar esses obstáculos que geralmente comprometem a capacidade de leitura, escrita e matemática. Os efeitos desses obstáculos vão depender da forma como cada sujeito e as pessoas ao seu entorno vão enfrentá-los. As dificuldades de aprendizagem não dependem apenas de um fator, comumente relaciona-se com o sistema familiar, educacional e social.

A presença de um obstáculo nem sempre indica uma dificuldade de aprendizagem, muito menos uma deficiência mental ou orgânica, mas nos chama a atenção para alguns aspectos que precisam ser trabalhados para que o desejo de aprender seja resgatado e se tenha melhor rendimento intelectual. Portanto, o psicopedagogo, diante de uma queixa advinda da escola ou da família, deve investigar a criança ou o adolescente em todo seu contexto.

À família é indispensável a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos, independentes dos arranjos e das estruturas familiares. Ela desempenha um papel fundamental no amadurecimento psíquico, na construção do caráter, na educação e no aprofundamento dos vínculos humanos.

O início do processo de socialização, assim como as primeiras aprendizagens acontecem na família, e a forma como os pais se relacionam com as crianças até os dois anos vão influenciar de forma positiva ou negativa nas habilidades cognitivas, afetivas e sociais.

De acordo com Andrade (1998, p. 23), “A família é o primeiro núcleo social que abriga o homem, é ela que vai dar as condições à criança de construir seus modelos de aprender”.

Diante desse pensamento, compreende-se que o aprendizado não é adquirido somente na escola, ele é construído pela criança em contato com o meio social, junto com sua família e o mundo que o cerca. É por meio da família que ela é inserida no mundo cultural simbólico e começa a construir seus saberes. Geralmente

as crianças provenientes de contextos familiares que não conseguem valorizar a aprendizagem tendem a não investir energia suficiente para aprender.

Quando se fala de dificuldades de aprendizagem, é preciso distinguir as dificuldades específicas, que dizem respeito à capacidade intelectual, linguagem, atividades motoras, daquelas relacionadas ao comportamento e aos aspectos sociais e familiares, que podem influenciar no desempenho escolar de seus filhos.

As dificuldades de aprendizagem afetam as pessoas na sua totalidade. Ela sofre pela subestimação que sente por não conseguir cumprir aquilo que espera de si mesmo e que os outros esperam dela. Isso traz o sentimento de culpa e impotência, tornando-se sinônimo não só de fracasso escolar, mas de fracasso de vida.

A maioria das crianças e adolescentes encaminhadas pelas escolas ou trazidas pelos próprios pais ao atendimento psicopedagógico por apresentarem baixo rendimento escolar, geralmente, não tem nenhum problema ou transtorno de aprendizagem. Logo na avaliação, percebe-se que apenas estão passando por dificuldades momentâneas que podem ser de ordem emocional, situações traumáticas na família ou até mesmo pela utilização de estratégias de ensino e metodologia inadequada.

Nádia Bossa no seu livro sobre “Dificuldades de aprendizagem, o que são e como tratar”, relata alguns motivos pelos quais a criança ou o adolescente não conseguem aprender. “Muitas vezes preferem acreditar e fazer os outros acreditarem, que vai mal na escola porque é desinteressado” (Bossa, 2000. p 56-59). Aceitar que não entende os conteúdos, os faz sentirem-se inferiores, este sentimento fere o narcisismo, ou seja, seu amor próprio, o amor que nutrimos por nós mesmos, que é fundamental para um bom desenvolvimento mental, necessário para que a aprendizagem aconteça.

Diz ainda Bossa (2000, p 13.) que, “nenhuma criança ou adolescente vai mal na escola por vontade própria”. Na maioria dos casos das dificuldades de aprendizagem, a falta de informação e de conhecimento por parte da família e dos profissionais da educação, culpabilizam a criança ou o adolescente pelo seu fracasso escolar, rotulando-os de desinteressados, preguiçosos prejudicando-os ainda mais, pois não consideram as possíveis causas de suas dificuldades, que nem sempre são causados por uma deficiência ou por um problema orgânico, podendo estar relacionado à família ou à escola.

Uma criança pode não aprender porque seus pais não conseguem lhe mostrar a importância de ir à escola; por não saber lidar com as leis e as regras, por isso não consegue controlar seus impulsos e frustrações; por ver a escola como um lugar que o separa da mãe; por não poder perder o lugar do bebê que ocupa na família na fantasia de seus pais; por não ter uma organização externa, também não consegue organizar-se internamente.

A criança pode não aprender porque a metodologia utilizada pelo professor não está adequada à forma de aprender do aluno, pode não aprender por não conseguir construir um vínculo de confiança com o professor, pode não aprender, por não compreender a importância do que está sendo ensinado na escola, pode não aprender porque seu professor pode não ter compreendido sua própria infância e adolescência, não compreende as necessidades do seu aluno.

Por isso, não é possível investigar o processo de aprendizagem de forma isolada, somente do ponto de vista pedagógico, mas todos os aspectos, culturais, sociais, econômicos, estrutura familiar, ambiente escolar, funcionamento cognitivo, modalidades de aprendizagem do ensinante e aprendente, metodologia, enfim o contexto histórico e social no qual o aprendente está inserido.

O ato de aprender não implica apenas em empregar a inteligência e a memória, exige toda uma organização psíquica e pessoal. Segundo Sara Paín (1985) a dificuldade para aprender, classificada como um sintoma cumpre uma função positiva tão integrativa como o aprender e pode ser determinado por vários fatores:

Fatores orgânicos: aqueles que estão relacionados aos aspectos do funcionamento anatômico.

Fatores específicos: que embora não tenha comprometimento orgânico, manifestam-se na linguagem, na organização espacial e temporal.

Os fatores psicógenos: estes podem apresentar-se de duas formas, de um sintoma ou de uma inibição. Quando está relacionado a um sintoma o não aprender possui um significado inconsciente. No caso de uma inibição, trata-se de uma retração intelectual do ego, ocorrendo uma diminuição das funções cognitivas que acarreta problema na aprendizagem.

Não podemos esquecer-nos dos Fatores ambientais que podem favorecer ou não a aprendizagem.

Alícia Fernandez (1991, p. 82), também considera as dificuldades de aprendizagem como sintomas ou inibição no processo de aprendizagem, no qual estão em jogo o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo.

Afirma ainda que:

Se o sintoma consiste em o não aprender, se o lugar escolhido é a aprendizagem e o atrapado, a inteligência, está indicando algo relativo ao saber ou ocultar, ao conhecer, ao mostrar ou não mostrar, ao apropriar-se. Diz-se que o sintoma é um disfarce. (...) A origem do problema de aprendizagem não se encontra na estrutura, individual. O sintoma se ancora em uma rede particular de vínculos familiares, que se inter cruzam com uma também particular estrutura individual. (Fernandez, 1991, p. 99).

A autora utiliza o termo inteligência aprisionada (Atrapada, no idioma original) para ilustrar a dificuldade para aprender, considerado por ela como o resultado da anulação da capacidade e do bloqueio das possibilidades de aprendizagem.

Naud Mannoni (1981. p. 13) considera que “os sintomas de impotência que a criança manifesta são assim uma ressonância às angústias ou aos processos reativos à angústia de seus pais. Diz ainda que “as crianças não andam só porque tem pernas, mas porque seus pais assim o permitem”. (Mannoni, p. 13). Para que uma criança possa aprender é necessário que ela tenha o desejo e que o desejo dos seus pais a autorizem.

Nesse sentido, compreendemos que as dificuldades estão intrinsecamente ligadas às causas internas, à estrutura familiar e individual, afetando a dinâmica de articulação entre o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo, causando assim o desejo inconsciente de não conhecer e, conseqüentemente, de não aprender.

Muitas vezes o não aprender pode ser uma resposta ao medo de conhecer e de saber o que se passa na família. Considerando que a aprendizagem transcorre na relação vincular mãe, pai e filho, o aprender pode ser perigoso quando há o risco de desvendar o mistério dos não ditos que envolvem e sustentam a dinâmica familiar.

A criança ou adolescente, com suas crenças e expectativas, pode não compreender claramente o que está acontecendo, sente-se culpado pelos problemas familiares, conseqüentemente, negam-se o direito de aprender. Nestes casos apresentam um mau rendimento escolar para justificar aquilo que ele não pode saber. Não por em risco o equilíbrio do sistema familiar. Os problemas

familiares fornecem condições para que o aprendiz não absorva o conhecimento, por não obter a autorização para conhecer, ou seja, para aprender.

A criança ao nascer instala-se em uma constelação de significações e expectativas, vem preencher muitos desejos e objetos dos pais. O nome que ela recebe vem carregado de ideais e fantasias que são determinantes para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

De acordo com Boimare (2007, p. 47),

Aprender é primeiro encontrar limites e regras; é o aluno poder confrontar-se com suas próprias insuficiências, aceitar abandonar suas certezas, ser capaz de integrar um grupo sem liderar, não se importar em ser alvo de comparação, concordar em ser julgado e submeter-se.

Nesse sentido, compreende-se a importância de uma estrutura familiar equilibrada capaz de oferecer condições necessárias para que a aprendizagem aconteça de modo natural. Aprender exige maturidade e autonomia, condições estas que precisam ser construídas desde os primeiros momentos de vida do bebê por uma mãe suficientemente boa (Winnicott, 1975) com condições de cuidar, atender as necessidades desse bebê sem se tornar invasiva, dando-lhe possibilidade de aprender a lidar com a falta e poder suportar as frustrações.

Essa relação saudável com a mãe vai permitir ao bebê construir sua própria identidade, perceber a si mesmo e o mundo que o cerca. Se esses cuidados não forem satisfatórios poderá acarretar sérios problemas que poderão interferir no processo de aprendizagem. “Se o ambiente facilitador não for satisfatório, rompe-se a linha da vida, e as tendências herdadas, muito poderosas, não podem levar a criança à plenitude pessoal”. (Winnicott, 1999, p. 139).

De acordo com o autor o ambiente facilitador satisfatório é aquela mãe devotada ao seu bebê de tal forma que pode se adaptar às necessidades dele, oferecendo-lhe condição para que possa dar continuidade ao seu desenvolvimento. Quando isto não acontece há um rompimento desta continuidade, causando uma fratura psíquica e conseqüentemente a desintegração da personalidade.

O simples fato de reconhecer quando uma criança apresenta uma dificuldade de aprendizagem pode ser o primeiro passo para não a rotular de lenta, desatenta ou preguiçosa, entre outros. Estes rótulos causam um efeito negativo devastador

sobre as competências que estão preservadas, uma vez que abalam principalmente a autoestima do sujeito.

No caso de Pedro, esses rótulos sempre estiveram presentes. Sua mãe logo na primeira entrevista, após relatar que teve uma gestação muito complicada e problemas pós-parto, falou das dificuldades que tinha até o momento para cuidar de Pedro e ensiná-lo, sempre atribuindo esta tarefa a qualquer pessoa. Inicialmente a avó materna, depois a uma família a qual o entregou para que cuidasse dele até os três anos, inclusive da parte escolar, só retornando para casa à noite na hora de dormir, alegando que não tinha paciência de ensiná-lo porque não aprendia e era muito desatento, desinteressado e esquecia o que ela ensinava. A escola, por sua vez, reforçava estes rótulos e ainda acrescentava que Pedro apresentava comportamentos típicos de pessoas com autismo, como falta de socialização, dificuldade de relacionamento, tendência ao isolamento e dificuldade na linguagem oral.

Logo na primeira avaliação foi possível observar que Pedro embora apresentasse algumas dificuldades não se tratava de comportamentos característicos do Autismo, nem déficit cognitivo, e sim de uma criança que lhe foi negado alguns cuidados e saberes necessários para que tivesse um bom desenvolvimento, inclusive sobre a organização e dinâmica familiar. Filho de pais separados, tinha pouca convivência com o pai, não sabia nada sobre a família paterna, nem aos menos o nome dos avós.

A mãe de Pedro, uma mãe funcional que tem o desejo que o filho aprenda, mas não encontra tempo para ajudá-lo, passando a tarefa que em primeiro lugar seria sua para outras pessoas, professor de reforço, psicopedagogo, psicólogo ou qualquer profissional indicado. Muitas vezes ele expressou tanto com gestos como verbalmente sua raiva e indignação pela falta de afetividade demonstrada por sua mãe, e também por achar que ela que escondia algo que ele não podia saber. “(Gostaria de ter nascido em outra família que me amasse, brincasse e saísse comigo como uma família normal. Com uma mãe que não me visse apenas como estudo. Só quer que eu aprenda, mas não me ensina)”, falou Pedro durante uma sessão.

O ambiente escolar como lugar primordial de aprendizagem e ensinamento também exerce um papel fundamental no processo de aprendizagem. Muitas vezes a tarefa de ensinar se torna muito difícil por mobilizar no professor sentimentos e

emoções que pareciam adormecidas, mas que, a prática diária traz à tona as experiências vividas não só em relação à aquisição do conhecimento, mas também aspectos ligados à sua história pessoal, os mitos familiares, crenças, valores, como lida com conflitos, com os rótulos.

Esses são fatores determinantes na modalidade de aprendizagem do professor que vão acompanhá-lo em toda sua vida profissional influenciando diretamente no seu fazer pedagógico. Tão difícil ou até mesmo impossível para alguns professores em determinados momentos ensinar a algumas crianças, principalmente àquelas que apresentam dificuldades no seu processo de aprendizagem ou aprendem de forma diferente.

No processo educacional é muito importante que o professor tenha clareza do seu papel como ensinante e de como o aluno aprende. Estes fatores são fundamentais para a construção de vínculos entre o professor e o aluno. Para que a criança aprenda é necessário que o professor lhe dê a possibilidade de ser a pessoa que aprende colocando-o no lugar de sujeito pensante, e se apresente como alguém que sabe. Mais que ser uma pessoa que ensina, o professor é aquele que abre espaço para a construção do conhecimento.

Conclusão

Os seres humanos começam a aprender a partir da gestação. O aprender é o caminho para atingir o crescimento, a maturidade e o desenvolvimento como pessoa num mundo organizado. A aprendizagem é um processo que ocorre durante toda nossa vida e junto com ela as dificuldades de aprendizagem aparecem. Quando elas aparecem, geralmente estão sinalizando que algo está errado.

Diante deste contexto, percebe-se que a família como primeiro grupo responsável pelo crescimento individual tem fundamental importância neste processo. Quando uma criança apresenta dificuldades de aprendizagem pode ser a forma que ela encontrou de manifestar a falta, a precariedade dos vínculos familiares. Nesse sentido, ensinar-aprender não é uma tarefa tão simples, como pode parecer. A criança aprende com as experiências vivenciadas com seus modelos de identificação. Daí a importância da organização familiar.

As dificuldades de aprendizagem geralmente desencadeiam uma série de problemas, dentre eles o fracasso, não só na escola, mas na vida por se tratar de

algo que afeta a autoestima por não sentir-se capaz de corresponder ao que é esperado dele tanto na família como no ambiente escolar.

Para que a aprendizagem aconteça é necessário a construção de vínculos entre aprendente e ensinante. Diante do fracasso, esta parceria deixa de existir, e equivocadamente o não aprender passa a ter como único responsável o aluno. No entanto, sabemos que o fracasso escolar e suas manifestações podem estar associados aos problemas que, involuntariamente, afetam o aluno na aquisição do conhecimento, resultando em dificuldades de aprendizagem ou problemas emocionais, que advêm de influências familiares ou até mesmo do ambiente escolar.

Sendo assim, compreende-se que a família e a escola são co-responsáveis pela aprendizagem ou não aprendizagem. Os núcleos familiares, por meio das relações estabelecidas influenciam diretamente na formação do aprendiz dando-lhe possibilidade de aprender e desenvolver sua personalidade e seu caráter, segundo os valores sociais e morais que irão lhe acompanhar para a vida inteira. Portanto, as dificuldades de aprendizagem afetam o sujeito na sua totalidade e não existe um culpado ou culpados, e sim, uma falha na estrutura deste sujeito que pode ser de ordem emocional, social ou psíquica que o impede de aprender.

.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Rosangela Nieto de. *Neuropedagogia e psicopatologias: Conhecendo o cérebro e entendendo a aprendizagem*. Recife: Tarcísio Pereira Editor, 2014.

ANDRADE, M.S. de. **Psicopedagogia CLÍNICA**. *Manual de aplicação prática para diagnóstico de distúrbio de aprendizagem*. São Paulo. Polus Editorial, 1998.

BOIMARE, Serge. *A criança e o medo de aprender*. (Tradução: Marcelo Dias Almada) – São Paulo: Paulinas, 2007 (Coleção Pedagogia e Educação).

BOSSA, Nadia A. *Dificuldade de aprendizagem. O que são e como tratá-las?* Editora Artimed, Porto Alegre, 2000.

FERNÁNDEZ, Alicia. *A inteligência aprisionada*. Tradução Lara Rodrigues – Porto Alegre: Artimed, 1991.

MANNONI, Maud. *A primeira entrevista em psicanálise*. Editora Campos, São Paulo. 1981.

PAÍN, Sara. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. Tradução Ana Maria Netto Machado. – Porto Alegre. Artmed. 1985.

RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA: Diálogos interdisciplinares para a formação da criança / Luciana Maria Caetano e Solange Franci Raimundo Yaegashi (Org.); - São Paulo: Paulinas, 2014 – (Coleção Psicologia, família e escola).

VISCA, Jorge. *Clínica Psicopedagógica Epistemologia Convergente*. Editora Artes Médicas, 1987.

WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Coleção Psicologia Psicanalítica. Direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda. 1975.

_____. *Tudo começa em casa*. Tradução Paulo Sandler – 3ª edição – São Paulo; Martins Fontes. 1999 – (Psicologia e pedagogia).